

**CROCOMO, FERNANDO ANTONIO (2007, 2.<sup>a</sup> ED.)**

**TV Digital e Produção Interativa: a Comunidade Manda Notícia**

Florianópolis-SC: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina

**MARIA ATAIDE MALCHER**

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**FERNANDA CHOCRON MIRANDA**

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
(BOLSEIRA DE INVESTIGAÇÃO)

Fernando Crocomo, jornalista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), publica em 2007, uma das obras que integra os textos fundantes dos estudos de televisão digital no Brasil<sup>1</sup>. A obra é resultado do Doutorado defendido na UFSC, no Programa em Engenharia de Produção, na área de Mídia e Conhecimento, em 2004, com o título: *TV Digital e Produção Interativa: a comunidade manda notícia* (disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS4369.pdf>).

A obra de Fernando Crocomo apresenta uma linguagem clara e didática, reflexo da sua formação jornalística e atuação como professor de telejornalismo. Para alunos, professores e estudiosos não apenas da comunicação, as contribuições são significativas. O livro tem em sua estrutura doze (12) capítulos relacionados com questões ligadas à produção de conteúdos para TV Digital, a partir da experimentação desenvolvida pelo autor junto a uma comunidade de pescadores em Santa Catarina e da participação da mesma na programação da futura televisão digital. Para isso, Crocomo explora uma das promissoras possibilidades da televisão digital: a interatividade.

Para alcançar seu intento, o autor trabalha desde o primeiro capítulo, "Mundo de Imagens", com questionamentos que orientam todo o seu estudo. Como será a televisão digital? Que tecnologia é essa que promete alta definição e interatividade? Como a comunidade poderá ter participação e criar conteúdos para essa televisão? A análise proposta pelo autor busca focar não apenas a dimensão tecnológica do processo, mas amplia seu olhar ao refletir e experimentar as possibilidades sociais dessas tecnologias digitais, considerando, sobretudo, a inclusão digital da população – preocupação essencial aos estudos de televisão em países como o Brasil. Não há como pensar na transição do padrão analógico para o digital desrespeitando as especificidades de cada realidade, e o Brasil tem a televisão aberta analógica como medium de maior alcance. O Censo de 2007 que registrou a penetração dos meios de comunicação por domicílio, no país, contava com a seguinte distribuição: rádio 88,9%, TV 95,1%, microcomputador 31,2% e micro com acesso à Internet 23,8%<sup>2</sup>.

Considerando esse panorama, é necessário pensar a transição a partir das ações de diferentes variáveis que interagem em cada contexto social. Só assim, como analisa o autor,

---

1 Ver artigo, de Cossete Castro, "A pesquisa sobre TV Digital no Brasil: a primeira geração", disponível em: [www.intercom.org.br/bibliocom/um/pdf/cosettecastro.pdf](http://www.intercom.org.br/bibliocom/um/pdf/cosettecastro.pdf).

2 Dados do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE), divulgados no ano de 2009, disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home>.

será possível tornar a televisão digital um espaço para o exercício da cidadania.

Fernando Crocomo abre o segundo capítulo, "Ver, Ouvir, Falar e Mostrar", destacando a dívida da televisão com o público e a necessidade de repensar a forma de utilização desse domínio. Para tanto, indica a necessidade de revermos o que foi feito na televisão ao longo desses anos no Brasil. O autor defende o conhecimento do passado como um estratégico direcionador dos passos futuros. Analisar o que foi feito na televisão, para o autor, se constitui como um dos caminhos para encontrar formas de conceber e produzir novas propostas, levando em conta todo o potencial das tecnologias digitais. Seguindo essa proposição, Crocomo faz um breve apanhado histórico de elementos fundamentais à linguagem televisiva e para ilustrar a sua análise lança mão de exemplos significativos para compreensão da discussão proposta.

O terceiro capítulo do livro, "Tecnologia", é dedicado à apresentação de informações estratégicas para o entendimento da transição do padrão analógico para o digital, em curso no mundo. Reafirmando a preocupação maior de sua análise: "o aproveitamento dos recursos tecnológicos pelo maior número possível de pessoas, e a criação de novos formatos de programas para TV que garantam uma interatividade real e mais ampla (p. 33)".

Guiado sempre por esse eixo norteador, Crocomo explora no quarto capítulo, a "Digitalização, Interatividade e o SBTVD". Nessa parte do trabalho, o autor explica o desenvolvimento das tecnologias até a chegada dos padrões digitais que regem a constituição da televisão digital e suas potencialidades. Parte do capítulo é dedicada à análise do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD).

Nos quatro capítulos seguintes, "TV Digital Interativa", "Níveis de Interatividade", "Interatividade e Diálogo" e "A Interatividade Hoje na TV Brasileira", o autor aprofunda de forma didática a questão da interatividade. Com generosidade ilustra a sua análise com vários exemplos de possibilidades de uso e dos limites de cada nível interativo permitido pelas tecnologias atuais. Para Crocomo, a interatividade ultrapassa as capacidades de compra, hoje consolidada na Internet, e de disponibilização de informações "extras" para o usuário.

Crocomo propõe três níveis de interatividade para a TV Digital. O primeiro deles seria a interação do usuário com informações que estão dadas, ou seja, que são disponibilizadas pelas emissoras periodicamente e ficam armazenadas no conversor, o *set-top-box*, como sinopses de filmes, resumos de novelas, letras de músicas, etc. O autor explica que, além da programação normal de TV, a emissora poderá enviar dados extras no mesmo fluxo de informações do canal. Nesse caso, "o usuário estará na verdade 'navegando' dentro dos dados armazenados no terminal (p. 82)". Crocomo compara este grau de interação com a "liberdade" dada pelo uso do controle remoto para a mudança de canal, que se limita à relação do usuário com o aparelho.

O segundo nível proposto pelo autor pressupõe o uso de um canal de retorno, que provavelmente terá como base a rede telefônica. A partir dessa via, será possível, por exemplo, comprar através do controle remoto. O autor destaca, porém, que esse retorno não será enviado necessariamente na mesma hora.

No caso do terceiro nível de interatividade apontado pelo pesquisador, "o canal de retorno ficará sempre funcionando", permitindo o envio e o recebimento de dados em tempo real. É nesse caso a percepção do verdadeiro potencial interativo da TV Digital, pois essa "via de mão-dupla", que não tem ainda definido o suporte tecnológico que viabilizará o seu uso, tornará possível o envio de conteúdo para exibição na TV pelo usuário.

O nono capítulo é dedicado a análise da implantação da "Futura TVDI em Canal Aberto,

no Brasil". Nessa parte, o autor discute as questões que cercam a implantação da televisão digital no país destacando a necessidade da "alfabetização digital do público", visando a ativa participação da população nesse processo de transição.

A partir do capítulo dez, "Produção Interativa de TV", Crocomo inicia a análise da aplicação dos conceitos de interatividade, a partir de uma experimentação de produção de conteúdo, para exibição em canal aberto de televisão, TV Cultura de Santa Catarina. No período da experiência, em 2004, sem contar ainda com a implantação do Sistema Digital no Brasil, Crocomo e a sua equipe, utilizaram a Internet como canal de retorno.

O projeto, Marint, foi desenvolvido com o objetivo de envolver a comunidade na construção e produção de conteúdos audiovisuais, o que pressupõe a "alfabetização" básica dos envolvidos. Para isso, foi necessário preparar os produtores para os diferentes usos dos recursos tecnológicos atuais. Além disso, era importante contar com a maior participação possível da comunidade. Assim, uma das etapas decisivas para o desenvolvimento do projeto foi escolher o tema a ser abordado nos vídeos realizados.

Todas as fases desse processo são detalhadas ao longo do capítulo dez.

Os desdobramentos e resultados da experiência são objetos do capítulo onze, "Interatividade Técnica e Interação Real". Nesses capítulos, Crocomo reafirma as diferentes formas de interatividade, destacando, mais uma vez, as especificidades existentes entre os níveis de interação e as peculiaridades desses processos. Segundo o autor, a interatividade guarda as particularidades de cada nível, destacados anteriormente, que se atendidos alcançam sua potencialidade. A interação pressupõe o estabelecimento do diálogo detonador de mudanças, ou seja, pressupõe a apropriação por parte da comunidade provocando mudanças no contexto vivido, seja nos produtores, nos telespectadores ou futuros "usuários" e no próprio meio televisivo.

O experimento de Crocomo traz sem dúvidas contribuições aos que se dedicam ao estudo da televisão digital, principalmente aos que buscam caminhos para realização do terceiro nível de interatividade, que será sem dúvida a via para o estabelecimento de inúmeras formas de diálogos. O desenvolvimento do projeto Marint e os conteúdos experimentais resultantes desse processo estão disponíveis em: [www.marint.ufsc.br](http://www.marint.ufsc.br).

No décimo segundo capítulo do livro, "Futuro", o autor apresenta os resultados finais de sua pesquisa, considerando a experimentação realizada e o que foi apreendido e percebido no processo de produção interativa de conteúdos para exibição em televisão aberta. Nesse momento, ele reforça a necessidade de experimentação e de "alfabetização digital" ampla da população e reafirma que o processo de transição não se dará de forma imediata considerando a especificidade da realidade brasileira. O autor indica que os padrões que regem a produção de conteúdo, vigente na televisão analógica, orientarão as produções para televisão digital e para que seja possível explorar todas as potencialidades dessa nova tecnologia será necessário conhecer esse novo meio em todas as suas dimensões. Para tanto serão necessárias ações efetivas para que a lógica analógica oriente a transição – o que é natural na história das mídias –, mas de modo a não reduzir as potencialidades da lógica digital.

Crocomo indica em todo o percurso de sua obra a necessidade de entender a trajetória da televisão, seu uso, seu funcionamento, a constituição de sua linguagem, aliado ao entendimento sobre as questões tecnológicas que cercam o domínio televisivo. Essa busca por entendimentos deve considerar o papel da televisão na sociedade brasileira. É fato

que mesmo transcorridos sessenta anos da chegada da televisão analógica no Brasil, ainda não se avaliou a real força deste medium. Conforme indica Dominique Wolton (2003)<sup>3</sup>, vencidas algumas das etapas dos estudos sobre televisão se faz necessário resgatar como meta a concepção de uma política para esse meio que integre três grandes questões da modernidade: "*a comunicação, a maioria e a relação entre esfera pública e esfera privada em uma sociedade aberta*".

---

3 WOLTON, Dominique. Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 64.